

O insituável das transfronteiras em Cabo Verde: Corsino Fortes e Vera Duarte

Vanessa Riambau Pinheiro¹

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a produção literária de dois relevantes poetas cabo-verdianos, Corsino Fortes e Vera Duarte, a partir de uma perspectiva topográfica e inter-relacional. Partimos do pressuposto de que a literatura produzida em Cabo Verde está fortemente relacionada ao espaço físico concernente às ilhas -desde sua origem até os dias de hoje -, e que a literatura local se imiscui à paisagem ilhéu, seja em uma perspectiva de pertencimento, evasão ou mesmo de crítica política e social. Compreendemos, outrossim, que é mister expandir este *locus* a uma dimensão de transcendência simbólica, visto que se trata de um arquipélago com fronteiras móveis e forte imaginário relacionado ao mar. A pesquisa observará, portanto, de que modo o espaço insular influencia a produção poética de Corsino Fortes (1933 – 2015) e de Vera Duarte (1952 -). Embasarão nosso artigo Bachelard (1986), Gomes (2019) e Secco (2004), dentre outros.

Palavras-chave: poesia cabo-verdiana. literatura insular. arquipélago. Corsino Fortes. Vera Duarte.

Cartografias africanas

Seja como categoria analítica própria ou relacionada ao tempo narrativo (no caso do cronotopo bakhtiniano), o espaço é um elemento notadamente relevante aos estudos literários. Os espaços nos quais nos deteremos, entretanto, ultrapassam a materialidade esperada de um *locus* convencional. Afinal, trata-se de um arquipélago - cujas margens são cambiantes -, que traz em sua historiografia a migração e o evasão. Neste sentido, ao nos propormos a analisar questões concernentes à territorialidade e suas representações simbólicas na poética cabo-verdiana, também estamos conscientes deste duplo movimento de deslocamento e retorno do/ao arquipélago como elemento do constructo identitário do país.

A fim de refletir acerca do arquipélago de Cabo Verde e de problematizar essas fronteiras literárias moventes que lhe são concernentes, recorreremos inicialmente a países outros, com o propósito de ampliar essas margens para tentar, então, delimitá-las. Sabemos que existem fatores de ordem historiográfica que foram vividos de maneira similar pelos países dos PALOP.

¹Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado pela Universidade de Lisboa. Coordenadora do Grupo de Estudos Africanos na Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta na graduação e na pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: vanessariambau@gmail.com. ORCID iD: 0000-0003-3137-2328.

O impulso nacionalista, a literatura de cunho ideológico, a guerra pela libertação: esses são alguns dos elementos comuns aos países africanos de língua oficial portuguesa. Entretanto, interessa-nos neste momento pensar nas singularidades concernentes a Cabo Verde, e para chegar a estas partiremos dos pontos de contato entre essas literaturas, que ajudarão a compor essa cartografia literária.

Afinal, ao mesmo tempo em que se sabe as fronteiras entre países foram estabelecidas artificialmente, também não se pode esquecer que existiu um processo de construção das nações africanas que se amparou muito fortemente na literatura e que a delimitação da topografia literária foi muito relevante para a construção da identidade das literaturas pós-europeias. Cabe reiterar que a vinculação ideológica esteve na base da constituição identitária desses países. Pinheiro (2018, p. 2) relata que, em Angola, a literatura começou, ainda que de forma incipiente, no século XIX, com a edição do livro de Maia Ferreira (1849), *Espontaneidades da minha alma*. Segundo Manuel Ferreira (1977), nesta obra já há um indício de alguma consciência regional, condição primeira para uma consciência nacional. Versos como “A minha terra/ Não tem virgens com faces de neve” (Ferreira, 1977, p. 9) já evidenciam uma reflexão, ainda que inicial/rudimentar incipiente, sobre a alteridade, e denotam um posicionamento do eu-lírico a partir de seu local de enunciação, o que é o princípio de um certo ‘lugar social’ que os autores angolanos irão posteriormente reivindicar. Obviamente, ainda parte de uma comparação, face ao modelo europeu – em especial, o português –; não obstante, estabelece parâmetros de diferenciação que servirão de base para um futuro aprofundamento da angolanidade. Ainda consoante Pinheiro (2018, p. 6):

Entretanto, ainda que a narrativa angolana contemporânea se apresente diversificada, uma variável afim, que podemos apontar, é que se trata de uma literatura amadurecida, com seus conflitos de angolanidade potencialmente resolvidos, predominantemente urbana, e que preserva a agudeza crítica, desta vez voltada ao governo de José Eduardo dos Santos e aos desdobramentos da administração após o fim do colonialismo.

Em Moçambique, por outro lado, o processo de consolidação literário foi diverso. Pinheiro (2018, p. 4) relata que não há obra significativa publicada antes do século XX. Na poesia, Rui de Noronha (1909-1943) é considerado o precursor do gênero. Outros poetas, que se destacaram nas décadas posteriores, foram Glória de Sant’Anna, Orlando de Albuquerque, Orlando Mendes, Noémia de Sousa, Virgílio de Lemos, Rui Knopfli. A maioria destes autores

trata, com maior ou menor enfoque, a questão da raça negra e da africanidade, ainda que não haja, especificamente, uma noção de moçambicanidade (como houve, desde muito cedo, em Angola). A dita “moçambicanidade”, como denominação identitária específica, ocorreu a partir de valores intrínsecos e manifestou-se sobretudo na chamada Literatura de Combate, com nomes incontornáveis como Noémia de Sousa e José Craveirinha.

No caso das literaturas insulares, especialmente a de Cabo Verde, o processo de colonização deu-se de maneira diferente, já que se tratava de um arquipélago vazio antes de ser ocupado por portugueses e africanos. A identidade crioula tornou-se a face da nação. Consoante Russel Hamilton (2012, p. 226), “Cabo Verde, um entreposto durante o tráfico de escravos entre Europa, África e as Américas, passou por processos de creolização social, cultural e linguística, e, é claro, de mestiçagem racial.” Outros fatores, como o evasãoismo, as secas, a emigração do ilhéu e a nostalgia causada pelo exílio converteram-se em caracteres singulares que marcaram o início de uma literatura marcadamente local.

Acrescida à diáspora forçada dos escravizados, em Cabo Verde somam-se outras, motivadas por dramas naturais (secas, epidemias), ou mesmo por expectativas mínimas financeiras, que expulsaram e expulsam amplos setores da sociedade do arquipélago, através de deslocamentos interilhas e/ou para outros continentes; esses trânsitos expressam a luta pela própria sobrevivência, não podendo, portanto, serem caracterizados como espontâneos, porque ainda que “[...] a diáspora seja permanente, não corta os laços entre os emigrantes e sua terra natal.” (HERNANDEZ, 2002, p. 106).

A emigração não deixa de fazer referência à África como metáfora materna – muito recorrente no discurso da negritude incorporados pelos autores africanos – e já presente no número 2 da *Claridade* (1936), publicação que durante muito tempo foi acusada de incentivar o evasãoismo contraposto à permanência nas ilhas para a luta contra o colonizador (LIMA, 2019, p. 345)

Neste intuito de retratar o esboço de um país, ainda sem cunho propriamente nacionalista, o regionalismo híbrido dos claridosos desde os anos 30 buscava estabelecer diálogos entre as especificidades locais do arquipélago e a influência cultural portuguesa. Neste sentido, a pesquisadora Carmen Tindó Secco (2004, p. 4 – 5) explica que:

Em Cabo Verde, desde a década de 30, *Claridade* já clamava por uma poesia autêntica, que buscava afirmar a cabo-verdianidade. Essa poética, ao contrário do que ocorre em Moçambique e Angola, na década de 50, não reivindicava os temas da negritude, tendo em vista a predominância mestiça em Cabo

Verde, cujas ilhas, desertas na ocasião da descoberta, foram povoadas por portugueses oriundos da Madeira e negros vindos da Guiné.

Diferentemente do que ocorreu com Angola e Moçambique, portanto, a primeira reivindicação de autonomia literária em Cabo Verde não foi propriamente negritudiana nem anticolonialista, o que pode ser explicado pela singularidade no processo de colonização do arquipélago. Neste sentido, cabe destacar a afirmativa do pesquisador Benjamin Abdala Jr:

Entendemos, pois, a cabo-verdianidade [...] como uma forma de regionalismo social, com marcas implícitas de autonomia nacional. A nação – a comunidade das pessoas que querem viver em conjunto – se associa [...], simbolicamente, à marginalidade. (ABDALA JR, 2007, p. 281).

Destarte, ainda que existam similitudes entre os países africanos de colonização portuguesa, Cabo Verde se destaca por antecipar a criouldade cabo-verdianidade como parte intrínseca de sua constituição identitária, sem conflitos de africanidade ou de pertença. Neste sentido, a delimitação territorial do arquipélago, o imaginário insular e a relação do ilhéu com o mar são fatores que estão imiscuídos ao imaginário nacional cabo-verdiano.

Desta feita, voltamos a destacar a produção poética da geração dos poetas claridosos, que destacava traços típicos do arquipélago como o terralongismo, as condições climáticas de seca, a precariedade da agricultura, o evasãoismo e a subnutrição da população. Posteriormente, a partir de autores como Onésimo da Silveira, Ovídio Martins, entre outros, este sentimento de emigração se transforma e o antievasãoismo entra em pauta, bem como a valorização de elementos culturais locais. Este processo de renovação da poética cabo-verdiana veio a ter sua consolidação anos mais tarde, a partir de autores como Arménio Vieira e posteriormente ampliada a partir da poética de Corsino Fortes.

Cabe salientar que trata-se de literaturas que deixaram de ser “províncias ultramarinas” -de acordo com a designação colonial – há 45 anos. Ou seja, são literaturas que há poucas décadas têm seu *locus* de enunciação próprio e completamente desvinculado do país luso. Entretanto, de acordo com o teórico Gaston Bachelard, “o espaço habitado transcende o espaço geométrico.” (BACHELARD, 1986 p. 221). O arquipélago, pauta poética por excelência no

país seja pelo evasão² dos claridosos como pelo posterior antievasão³ começa a diluir suas fronteiras e encontra novas transfigurações de ordem metafísica e cultural. Essa ampliação do *locus* como forma de maturação poética começa a ser intensificada a partir da produção poética de Corsino Fortes. Conforme indica Ana Mafalda Leite, no posfácio da trilogia *A Cabeça Calva de Deus*: "Começa finalmente o ajustamento entre um espaço utópico, imaginário, desde sempre procurado e cantado na poesia cabo-verdiana, com a geografia do país e da nação."(LEITE, 2001, p. 295)

A ilha metafísica de Corsino Fortes

A insularidade delinea certos rumos aos poetas ou escritores no que diz respeito ao motivo condutor da criação poético-literária na literatura cabo-verdiana. Sobre esse caráter de transfiguração espacial que possibilita um viés interpretativo épico da poesia de Corsino Fortes, Maria Turano (1997, p. 485) afirma que há uma renovação no seu fazer poético, uma vez que o sujeito lírico “reformula, refunda e celebra em termos épicos e míticos a própria identidade, concebendo-a em formas sacras e simbólicas”. Na poesia de Corsino Fortes, a identidade insular é expressa em dois níveis. No primeiro, pela representação da vida material, em que a ilha “se encontra num triângulo cujos outros dois ângulos são constituídos pela chuva. A ilha é

² Terra-longe!

Terra-longe! Terra-longe!...

Oh mãe que me embalaste!

Oh meu bem querer bipartido!

(AZEVEDO, Pedro Corsino In FERREIRA, Manuel, 1977, p. 43).

³ ANTI-EVASÃO

Pedirei —

Suplicarei

Chorei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei no chão

e prenderei nas mãos convulsas

ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei

Berrarei

Matarei

Não vou para Pasárgada

(MARTINS, Ovídio. Antievasão. In: FERREIRA, Manuel (Org.). *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1986. p. 228).

atravessada pela terra seca” (TURANO, 1997, p. 485). No segundo nível, a ilha é expressa pela condição fundacional sacro-épica. “Quando a ilha é sacerdote/ E o mar é catedral/ E o poente! Oração/ Que se ergue/ Entre o ar E o seu cardume/ O anzol aproxima-se do ofício/ Como o céu-da-boca/ Entre a hóstia e a comunhão [...]” (FORTES, 2001, p.146). Assim, matéria e psique aparecem fundidos, como a perfeita representação arquetípica da casa bachelardiana. “Toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade.” (BACHELARD, 1986, p. 243). “A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imaginação, animam-se mutuamente em devaneios contrários.” (BACHELARD, 1986, p. 225).

A casa e o universo podem ser representados pela dialética migracionista ilhéu do partir-ficar. Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco (2004) menciona que os autores de Cabo Verde repensam a dialética da partida e da permanência porque questionam o sofrimento das mulheres e crianças que trabalham no arquipélago e discutem acerca da “importância da chuva para o ressequido universo das secas que assolam periodicamente o Arquipélago” (SECCO, 2004, p. 223). Essa dialética de partir e ficar permanece como um fluxo marítimo na poética de Corsino Fortes:

Nova largada
 Já febre
 pela febre de gengiva
 A lâmina de suor
 no frescor dos dentes
 A maçaroca de milho
 na boca tostada
 A baía gotejando
 sol & girassol

Deixei o fio do prumo
 nos degraus da cidade
 Deixei o martelo e a bigorna
 nos paços do concelho
 Deixei o pilão e a mó de pedra
 Sob teu rosto; Monte Clara
 E com membros loucos de marulho
 Dobrei as calças
 sobre o alto mar
 E parti
 De coração a bombordo

Mas antes muito antes

De hipotecar
 meu litro de sangue
 E partir

Plantei o polegar
 junto da tua árvore
 oh ídolo de pouca terra

Naquela homilia
 De terra & sangue
 Em transfusão
 O peito já louco de marulho
 De coração a bombordo.
 (FORTES, 2001, pp. 46 -47).8

Neste poema, a fusão do homem (gengiva, suor, dentes, boca, sangue, polegar, coração) com a ilha (baía, sol, girassol, degraus da cidade, pedra, alto mar, árvore, terra) adquire contornos simbióticos. A partida, agora, ganha traços metafísicos, um abandonar-se a si que se traduz na necessidade de volta e de busca de uma Pasárgada interior, como nos afirma Ana Mafalda Leite (2001) em seu posfácio de *A Cabeça Calva de Deus*.

Com a poesia de Corsino Fortes, introduz-se “uma importante reformulação na linha temática cabo-verdiana, não só pela insistência no antievasionismo, dando lugar à procura de Pasárgada no interior do arquipélago”, conforme elucida Ana Mafalda Leite (2001, p. 299). Lima (2019, p. 354) afirma que Cabo Verde, ainda que voltado para a busca de suas raízes identitárias, não deixava também de estar aberto para outras experiências interculturais, devido ao caráter móvel e fluido de sua cultura:

no contexto normalmente denominado como de migração, ou diáspora cabo-verdiana, atualmente acontecem importantes negociações relativas aos lugares e papéis de agentes, como migrante/não-migrante, nacional/não-nacional, anteriormente identificados especificamente com o lugar de origem ou de destino, respectivamente. (ÉVORA, 2016, p. 12).

Desta forma, possibilita-se, como bem afirmou Leite (2001, p. 294), o redimensionamento da comunidade enquanto nação a partir da viagem e do exílio, que trazem novos significados com a volta do ilhéu. “Não a terra das cicatrizes/ Mas a terra que cicatriza.” (FORTES, 2001, p. 80). Assim, nesta épica fundacional fortiniana, o ídolo revolucionário é trazido de volta como semente e o regresso torna-se a possibilidade de renascimento do arquipélago e de resignificação da nação por parte do ilhéu, que se vê partícipe deste processo.

Vai. E planta
na boca d'Amílcar morto
Este punhado de agrião
E sorver golo a golo
uma fonética de frescura
E com as vírgulas da rua
com as sílabas de porta em porta
Varrerás antes da noite
Os caminhos que vão
até as escolas nocturnas
Que toda a partida é alfabeto que nasce
todo o regresso é nação que soletra [...]
Quem não soube
Quem não sabe
Emigrante
Que toda partida É potência na morte
E todo regresso É infância que soletra.

(FORTES, 2001, pp. 70 -71, grifos nossos)

Fronteiras diluídas na poética de Vera Duarte

Se em Corsino Fortes a ilha aparece convertida simbioticamente com o ilhéu, em transcendência e em comunhão com a (re) fundação do país que (re) nasce, na lírica de Vera Duarte as fronteiras são rompidas de antemão para que essas fronteiras se liquefaçam, já que a mesma poeta se autodenomina uma “poeta do mar”. E o que é o mar senão uma diluição de fronteiras? “Juntei então/ Toda a água do oceano/E cerquei meu palácio/Do mar mais profundo/Que algum dia existiu” (DUARTE, 2005, p. 101).

A palavra, para o eu poético, é a ponte estabelecida entre a ilha e o continente. Através da poesia existe a possibilidade de transcendência dos limites geográficos e o adentramento a outras paragens. A palavra pode vir a ser discurso reivindicatório e potencialmente catalisador de mudança social. Também na palavra percebemos a comunhão da poeta com Corsino Fortes, como no poema que a ele é dedicado, chamado Acrobata da palavra: “No vértice vertiginoso da vida/Violenta, violentada, violada/Inscreve-se minha mutante condição/ de acrobata da palavra//Deixarei fluir as palavras/ Que alimentam a fome/do mundo que em mim habita” (DUARTE, 2018, p. 113)

Como podemos perceber nos versos supracitados, existe em Vera Duarte a necessidade – sumamente feminina e decolonial – de libertação do jugo da vida, que se revela “violenta, violentada, violada”. A libertação, metaforicamente, pode dar-se tanto de forma intrínseca

(psique) quando extrínseca (espaço, mobilidade). Na poesia da autora encontramos diferentes formas de libertação, como por exemplo a erótico-amorosa. Existe a plenitude do ser desejante (o eu poético que passa de objeto de desejo a sujeito do seu desejo): “Quisera eu ser Pandora/ E despejar-te todo o meu mal/ Fazer-te fraco e ser eu forte/ De coração pérfido e face bela/ Para de amores por mim morreres [...] (DUARTE, 2001, p. 38).” Também pode se revelar como libertação física e espacial, sob uma perspectiva de crítica social.

[...] Faltou-me contudo
A PALAVRA
Sem a palavra
A ilha não existe

Sem a ilha
Não existe o poema

Sem o poema
Ilha é exílio

Poema é dor e amor
Poema é mágoa e alegria
Poema é injustiça e traição
Poema é entrega e abandono

E luta dos homens pela vida

Só assim o amanhã
Será diferente

Deste hoje de nojo

Só assim não seremos
Exilados
Nas nossas próprias ilhas

(DUARTE, 2005, p. 102, grifos nossos)

A poesia da humanista traz a necessidade da diluição das fronteiras/barreiras do homem em relação ao seu igual como a forma possível de se manter a esperança e se evitar o exílio, o isolamento, a fome, as guerras e o sofrimento. A empatia transpõe fronteiras e torna as Áfricas próximas e irmãs. Depois expande-se a América Latina, à Sérvia, abrange todos os mártires, traidores, guerrilheiros e assassinos:

Estive nos campos de refugiados do Ruanda
encharquei os pés na lama das ruas de Bissau

embriaguei os olhos na orgia selvagem
 dos corpos mutilados (...)
 Hoje estou aqui
 entre mártires e traidores
 entre bandidos e inocentes
 entre hipócritas e fariseus
 Trago comigo
 presa na minha garganta
 esta palavra de dor (...)
 Morri em Sarajevo
 e no Camboja
 Morri na Colômbia
 e em Conacry
 Morri no Kosovo
 na Libéria
 e em Sierra Leone
 Morri onde a morte já não era
 de tanto ser
 Quando deixarei de cantar
 Esta canção desesperada?
 (DUARTE, 2005, p. 83-84).

Consciente de que não há milagre ou messianismo possível, mostra uma lírica ativista e comprometida: “Ó políticos Ouçam -se ó corruptos Ó ditadores Ó assassinos/Para mim não há – nunca houve – Nem liberdade Nem terra prometida”. Mais do que isso, involucra-se na causa sob o signo maculador da omissão e da cumplicidade, face a crueldade dos fatos sociais que vivencia:

O sangue escorre-me por entre os dedos

Porém

Não matei! Não matei! Não matei!

Poderia adormecer

Ao som tornado monótono

Do meu protesto

– a minha inocência é imaculada –

Mas não me convenço

Terei morto por omissão

Terei morto por indiferença

Terei morto por conivência

Sinto

Que é preciso

Ir aos campos das batalhas

E arrancar das mãos dos homens

As espingardas

Ir aos campos das batalhas

E arrancar os homens das mãos

da morte

Ir aos campos das batalhas

E devolver
 As crianças
 Aos seus brinquedos
 Como resgatar essa culpa
 Que me pesa
 Como resgatar esse crime
 Que não cometi
 Não haverá contudo inocentes
 Quando a morte é opulenta
 E a vida
 É fome
 É guerra
 É violência
 Não pode haver um inocente
 Quando a vida grita fome
 E pede socorro
 E os homens
 São cadáveres ambulantes
 À espera de sepultura
 Não pode haver um inocente
 Quando a maior esperança
 For o abrigo certo
 De uma cova partilhada
 Mas eu gostaria
 Oh! como gostaria
 De me sentar à soleira da porta
 A ver o sol a pôr
 -se
 No sereno entardecer
 As crianças a brincar
 E o inverno a chegar
 No calmo envelhecer dos dias
 Mas eu gostaria
 Oh! como gostaria
 De acariciar levemente
 Os cabelos do meu amado
 E segredar
 -lhe ao ouvido
 Coisas do amanhã dos homens
 Que amanhã?
 Que homens?
 Quisera profetizar
 Com palavras mágicas e sedutoras
 O fim dos horrores
 Para resgatar essa culpa
 Que me pesa
 Para resgatar esse crime
 Que não cometi
 Contudo
 (oh! Impotência)
 Falta-me o dom
 De tanta a morte não tem rosto
 Só número

Um número indigente e gritante
 Quarenta milhões é o número da fome
 Quarenta milhões o número da morte
 Quarenta milhões de pessoas
 Gente como tu e eu
 A morrerem de fome
 Neste continente de condenados
 Ah! mas a fome tem nome
 Fome é guerra
 Fome é corrupção
 E má governação
 Fome é sida
 Fome é estupidez
 Fome é tirania
 E indiferença
 Como deixámos crescer este monstro
 Com as sete cabeças do nosso horror
 Não pode haver um inocente
 Em terras africanas
 Enquanto uma a uma
 Misericordiosamente
 As sete cabeças não caírem
 A guerra
 A tirania
 A corrupção
 A má governação
 A sida
 A estupidez
 A indiferença
 Não caírem
 Uma a uma
 Misericordiosamente
 Não caírem
 Então
 Meu Deus
 Só então
 Limpar-nos-emos
 Todos
 Deste pecado original
 Este pecado que nos suja
 Esta abjecção que nos contamina
 Mesmo inocentes
 Mesmo incorruptos
 Mesmo generosamente solidários
 Mesmo egoistamente solitários
 Mas quando
 Meu Deus
 Quando?
 É este o ano
 O dia, o século
 E o milénio
 Perdidos já foram os outros
 Todos os minutos e segundos

Dos outros séculos
 Dos outros milénios
 Vergonha ó África
 Vergonha sobre ti e tuas gentes
 Vergonha pela fome e pela guerra
 Vergonha pela corrupção e estupidez
 Este é o ano
 O dia, o século
 E o milénio
 Assilah foi pobreza e abandono
 Hoje é arte e poesia
 Numa esperança que nasce
 Tarrafal foi morte e traição
 Hoje é encontro e alegria
 Numa esperança que cresce
 Benguela floriu e murchou
Hoje é semente germinal
De uma paz sobre todas
É a esperança que tem que renascer
É a esperança que vai renascer

(DUARTE, 2005, p. 67-73, grifos nossos).

Neste poema, a autora amplia o espaço cabo-verdiano ao continente africano e ao mundo de modo geral, denunciando guerras, corrupção, tiranias e massacres sociais. Ampliar o espaço, do público ao privado, da ilha ao mundo, também é uma forma de subversão a partir da escrita de autoria feminina do meio literário, território marcadamente patriarcal e excludente, e de uma sociedade marcada pela violência das mulheres. “Sim/ um outro mundo é possível/ sem estupros mutilações ou sequestros/ sem humilhações nem discriminações/sem açoites nem mortes prematuras.” (DUARTE, 2018, p. 44). Neste sentido, nos filiamos às palavras da pesquisadora Simone Caputo Gomes:

Essas poetas mulheres vão demarcando os “sinais” da longa caminhada feminina desde a “restrição ao espaço privado até a conquista do espaço público na liberdade da escrita. Constroem, ao mesmo tempo, sua história e seu futuro. (GOMES, 2019, p. 84).

Transfronteiras literárias em Cabo Verde

Desta feita, pensar numa poética transnacional é também refletir sobre a maturidade dessas literaturas, bem como pensar acerca da capacidade literária de transcender limites.

Refletir, portanto, no insituável da poética cabo-verdiana a partir da produção lírica de Corsino Fortes e Vera Duarte corresponde também a compreender que este vínculo espacial se redimensiona e ganha novas dimensões de cunho político, social e cultural na contemporaneidade. Afinal, como já havia aprofundado Corsino Fortes, “O rosto da ilha é um sorriso de mulher.” (FORTES, 2001, p. 186).

Como indica a nigeriana Amina Mama (2010), podemos compreender a africanidade como algo múltiplo, fluido, histórica e institucionalmente de acordo com as diversas dimensões da diferença, constantemente contestado e redefinido em resultado dos processos e lutas sociais. Neste sentido, a poética insular sai de dos limites do arquipélago, inicialmente em uma perspectiva metafísica e épico-fundacional de renascimento e reificação identitária, para depois alcançar outros países e povos, no espelhamento crítico-social que se funde ao outro, mas que depois retorna a si mesmo. A fronteira do arquipélago cabo-verdiano então permite expandir-se, literariamente, como movimento de fluxo marítimo que vai e volta para poder melhor vislumbrar a si próprio.

Referências

ABDALA JR, B. *De voos e ilhas: literaturas e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DUARTE, V. *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*. Coleção Poética e Razão Imaginante. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

_____. *De risos & Lágrimas*. Praia, Cabo Verde: Pedro Cardoso Livraria, 2018.

_____. *O Arquipélago da Paixão*. Mindelo: Artletra, 2001.

ÉVORA, I (Org.). *Diáspora cabo-verdiana: temas em debate*. Lisboa: CesA/ISEG, 2016.

FERREIRA, M. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1977, v.1.

HAMILTON, R. A diáspora cultural cabo-verdiana em Lisboa. In: FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. F. (org). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012, p. 225-232.

HERNANDEZ, L. L. *Os filhos da terra do sol: a formação do estado nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus, 2002.

FORTES, C. *A cabeça calva de Deus: Pão e Fonema: Árvore e Tambor: Pedra de sol & Substância*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

GOMES, S. C. A poesia feminina cabo-verdiana vive: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. *Revista Mulemba*. n. 21, 2019, p.73-89, v. 11.

LEITE, A. M. Árvore e Tambor ou a reinvenção da terra cabo-verdiana. In: FORTES, C. *Árvore e tambor*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2001, p. 7-19.

_____. A cabeça calva de Deus: uma trilogia épica fundacional. In: FORTES, C. *A cabeça calva de Deus*. Lisboa: Dom Quixote, 2001. p. 288-296.

LIMA, N. S. *Literatura cabo-verdiana em trânsito*. Revista Solettras – n. 38, 2019.

MARTINS, O. Antievasão. In: FERREIRA, M. (org.). *50 poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1986. p. 228.

PINHEIRO, V. R. A formação do sistema literário pós-colonial: apontamentos sobre a consciência geracional em Angola e Moçambique. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, 40(1), e35720, 2018.

SECCO, C. L. T. Construção e reencontro – o ensino e a pesquisa das literaturas africanas nos cursos de letras. *Revista Scripta: Dossiê literaturas africanas de língua portuguesa*, Belo Horizonte, 2004, n. 1, p. 179-184, v. 1, Parte 3.

_____. Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo cabo-verdiano de Vera Duarte. *Revista Scripta: Dossiê literaturas africanas de língua portuguesa*, Belo Horizonte, 2004, p. 215-225, v. 8.

TURANO, M. Identidade e literatura: a poesia de Corsino Fortes (uma aproximação antropológica). In: CRISTÓVÃO, F.; FERRAZ, M. L.; CARVALHO, A. *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Edições Cosmos: Lisboa, 1997. p. 485-488.

The unsettledness of transborders in Cape Verde: Corsino Fortes and Vera Duarte

Abstract: The purpose of this study is to analyze the literary production of two relevant poets Cape Verdean, Corsino Fortes and Vera Duarte, from a topographic and interrelational perspective. We have assumed that the literature produced in Cape Verde is strongly related to the physical space concerning the islands - since its origin until nowadays -, and that local literature is immersed in the island landscape, whether in a perspective of belonging, evasionism, or even of political and social criticism. We also understand that it is necessary to expand this locus to a dimension of symbolic transcendence, since it is an archipelago with mobile borders and a strong imaginary related to the sea. The research will observe, therefore, how the insular space influences the poetic production of Corsino Fortes (1933 - 2015) and

Vera Duarte (1952 -). Our article will be based on Bachelard (1986), Gomes (2019) and Secco (2004), among others.

Keywords: Cape Verdean poetry. insular literature. archipelago. Corsino Fortes. Vera Duarte.

Recebido em: 20 de maio de 2021.

Aceito em: 28 de junho de 2021.